

## Introdução

Esta dissertação tem como temática de investigação um grave problema mundial, que está presente também na realidade social da cidade do Rio de Janeiro no Brasil: a exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino, na modalidade de prostituição.

A exploração sexual infanto-juvenil consiste em uma violência praticada por adultos, visto que se aproveitam do corpo de crianças e de adolescentes para fins sexuais próprios e/ ou para obtenção de lucros financeiros.

O fenômeno da exploração sexual comercial infanto-juvenil nas últimas três décadas tem figurado no cenário nacional como um dos problemas sociais a ser enfrentado. É compreendido como uma das formas de violência sexual existente no país e uma das piores formas de trabalho aviltante (Organização Internacional do Trabalho apud ANDI, 2007).

O Brasil vem desenvolvendo planos, projetos, programas e medidas de enfrentamento à exploração sexual comercial infanto-juvenil, todavia, esta problemática persiste em todo território nacional, violentando crianças e adolescentes de ambos os sexos.

Ainda não existem números exatos sobre a quantidade de crianças e adolescentes violentadas na exploração sexual comercial. Libório (2003) e Santos (2004) ressaltam que o óbice maior para quantificar precisamente o número de crianças e adolescentes em situação de exploração sexual acontece em função da ligação desta com a criminalidade. Araújo (1996), Leal (1999) e Santos (2004), apontam a predominância de as crianças e adolescentes do sexo feminino em situação de exploração sexual.

Considerando isto, as pesquisas têm se concentrado nas crianças e adolescentes do sexo feminino, identificando a realidade vivenciada por elas, captando e desvendando as falas e as questões dessas meninas, como por exemplo, os estudos realizados por Campanatti e Carvalho (1996), Libório (2003) e Trindade (2005).

Sendo assim, os estudos e pesquisas não têm direcionado sua atenção para os adolescentes do sexo masculino inseridos no mercado do sexo. Poucos estudiosos

chamam a atenção para a inserção das crianças e adolescentes do sexo masculino no mercado do sexo, apontando que apesar da existência em menor escala, a situação também é numerosa e tem aumentado (Santos, 2004 e Leal, 1999).

Como observa Araújo (1996, p. 263), o número de meninos é sub-relatado no mundo “Os casos mais conhecidos são os rapazes de praia do Sri Lanka, os surfistas da República Dominicana e os garotos ‘pom-pom’ das Filipinas. (...) registra-se a crescente ocorrência de meninos prostituídos, tanto na América Latina quanto na Ásia”. Este autor ressalta a necessidade de uma maior dedicação e atenção aos meninos e rapazes explorados sexualmente, visto que acredita-se popularmente que as vítimas masculinas de exploração sexual infanto-juvenil em sua maioria não são de famílias pobres, mas dedicam-se ao envolvimento com turistas estrangeiros com o intuito de obterem vantagens materiais.

A pesquisa realizada por Lopes e Stoltz (2002) teve como objetivo caracterizar a exploração sexual comercial de crianças e adolescentes na região de Foz do Iguaçu, Paraná – Brasil, tendo como sujeitos da pesquisa 60 crianças e adolescentes em situação de rua explorados sexualmente, com idade entre 10 e 17 anos de ambos os sexos, notando-se aí a resposta de 38 entrevistados do sexo masculino. De acordo com as autoras, a predominância dos meninos e rapazes neste trabalho se deu em decorrência da maior disponibilidade dos mesmos em participar da pesquisa. Apesar da relevância desse estudo, ele não aborda a caracterização das falas e percepções da população infanto-juvenil masculina inserida no mercado do sexo.

O trabalho realizado por Perlongher (1987) intitulado “O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo” aborda a prostituição masculina na cidade de São Paulo, expondo especificamente a prostituição que ele chamou de viril, aquela em que os homens se identificam como “michês”. Segundo ele (p.24), “(...) a idade clássica para o exercício da profissão [prostituição]<sup>1</sup> oscila entre os 15 e os 25 anos, enquanto os clientes costumam ter mais de 35 anos”. Destaca que os adolescentes das periferias com idades entre 15 e 16 anos, possuem uma “disposição mais ou menos tolerada pelo ‘grupo de idade’” em transar com a “bicha velha” e ganhar dinheiro com isso

---

<sup>1</sup> Grifo realizado para especificar e chamar atenção para o assunto.

(Perlongher, 1987, p.130). Além disso, aponta a existência de crianças e adolescentes do sexo masculino com 11 a 14 anos na prostituição, sendo chamados de Erê<sup>2</sup>.

Este último trabalho foi um dos pioneiros no Brasil a investigar o universo masculino no mercado do sexo enquanto mercadoria. Contudo, esta obra não diferenciou os adolescentes envolvidos neste comércio, não identificando os mesmos como explorados, já que não era sua proposta, como também na época da pesquisa (1987) não se tinha clareza sobre a categoria exploração sexual infanto-juvenil e as crianças e adolescentes ainda não eram percebidos como sujeitos de direitos na legislação brasileira.

Nos últimos anos a mídia vem tratando do assunto. Especialmente no Rio de Janeiro, em jornais de grande circulação, como por exemplo, o jornal O Globo chamou atenção para a presença de garotos na exploração sexual comercial, destacando em abril de 2008 o episódio de um adolescente de 12 anos em situação de rua, que era aliciado-agenciado por dois escultores de areia em Copacabana e que manteve relações sexuais comerciais num hotel de luxo nesse bairro com um estrangeiro funcionário do Serviço de Imigração e Integração de Rhode Island nos Estados Unidos. Os três exploradores foram presos pela Delegacia de Proteção a Criança e Adolescente - DPCA. De acordo com o jornal os aliciadores receberam R\$ 500,00 pelo agenciamento e o adolescente teria recebido R\$ 200,00 por manter relações sexuais e pernoitar com o cliente estrangeiro<sup>3</sup>.

Em abril de 2009 o mesmo periódico, O Globo voltaria a destacar este fenômeno, só que agora através de uma série de reportagens em que mostra a exploração sexual comercial infanto-juvenil como um dos novos negócios dos narcotraficantes em nove bairros das zonas sul e norte, na cidade do Rio de Janeiro. Os traficantes agem como aliciadores de meninas, meninos e travestis juvenis, forçando-os a manter relações sexuais comerciais em hotéis, carros ou nas calçadas escuras, chegando a realizar seis programas sexuais por noite. Este esquema conta com o apoio de policiais corruptos. A série de reportagens destaca a situação de um adolescente travesti de 17 anos, explorado sexualmente na Quinta da Boa Vista há mais de um ano, faturando até R\$ 150,00 por dia, sendo aliciado-agenciado por policiais da zona sul. A

---

<sup>2</sup> De acordo com Perlongher (1987, p.129) Erê é um termo “da raiz afro”, que significa criança, sendo usado pelas travestis.

<sup>3</sup> Matéria jornalística publicada no Jornal O Globo de 10 de abril de 2008. Ver anexo 1.

notícia diz ainda que após abordagem policial e acolhimento do Centro de Referência da Assistência Social – CRAS, o jovem retornou para as ruas, voltando para a exploração sexual<sup>4</sup>.

Ambas as reportagens não detiveram seu foco sobre as experiências dos adolescentes do sexo masculino no mercado sexo, não menos importante, mas destacaram os autores dos abusos, seja pelos aliciadores e clientes ou por causa da participação do narcotráfico na exploração sexual comercial.

Diante desse quadro, percebe-se que a situação dos adolescentes do sexo masculino explorados sexualmente permanece invisibilizada, pois embora eles encontram-se expostos nas ruas, nas praças, nas estradas, nas rodovias e nas avenidas, como também, já configuram presença em algumas matérias jornalísticas, a sociedade insiste em não notar esta situação, deixando os garotos à mercê dos exploradores. Afinal, ainda tem-se no senso comum que o masculino não sofre violência sexual, pois isto seria do âmbito do feminino. Desse modo, os garotos explorados sexualmente são considerados pela sociedade como “desviantes”, “marginais”, “bichas”, “viados”, “gigolôs”, sendo culpabilizados por vivenciarem esta situação, sofrendo forte preconceito e estigma.

Para além destas observações, o interesse em estudar esta temática surgiu em função da prática de estagiário acadêmico no Programa de Combate à Exploração Sexual Infanto-Juvenil, no Centro de Referência para Infância e Adolescência – Rio de Janeiro/ Fundação para Infância e Adolescência – CRIA-RJ/ FIA, exercida durante os anos de 2003 a julho de 2005. Tal experiência resultou no Trabalho Conclusão de Curso de graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio intitulado “Meninos, rapazes e travestis juvenis que são explorados sexualmente e necessidades de políticas de enfrentamento”. Naquele momento, o que chamava atenção era a existência de crianças e adolescentes do sexo masculino vítimas de exploração sexual comercial, especificamente o interesse era de identificar quem eram essas vítimas. Em 2006, contratado como Assistente Social no CRIA-RJ/ FIA e aluno da pós-graduação lato senso em Atendimento a Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência Doméstica na PUC-RJ, foi tratado na Monografia final do curso o tema referente a: Meninas comercializadas para exploração sexual pela família.

---

<sup>4</sup> Série jornalística publicada no Jornal O Globo entre 05 e 09 de abril de 2009. Ver anexo 2.

No processo de estudo e prática profissional foi constatado: a existência de adolescentes do sexo masculino em situação de exploração sexual em locais públicos na cidade do Rio Janeiro; a pouca atenção dispensada a população infanto-juvenil do sexo masculino violentado pela exploração sexual (projetos, programas e políticas públicas de combate à exploração sexual infanto-juvenil são voltados para o sexo feminino, sendo este o grupo de maior concentração de vítimas); a dificuldade do agir profissional com os adolescentes do sexo masculino explorados sexualmente; e a existência de instituições despreparadas para atender esses garotos.

A partir destas observações a investigação desenvolvida para a apresentação desta dissertação teve como objetivos gerais: identificar quem são os adolescentes do sexo masculino explorados sexualmente na cidade do Rio de Janeiro e conhecer a realidade vivenciada por esses garotos no mercado do sexo. Especificamente, mapear as localidades onde os adolescentes do sexo masculino são explorados sexualmente e traçar o perfil social dos garotos; conhecer o histórico pessoal e social dos adolescentes e levantar as relações sociais dos adolescentes em situação de exploração sexual. Enfim, dar voz aos adolescentes.

Para a realização do estudo, propriamente para alcançar os objetivos propostos valeu-se de uma metodologia de abordagem exploratória e descritiva. Prioriza a ótica e os sentidos construídos pelos sujeitos da pesquisa, dando maior atenção aos seus motivos, valores, percepções e a relação dicotômica e complexa mantida com a realidade social, especialmente as vivências dos adolescentes do sexo masculino no mercado do sexo. Foram usados três procedimentos metodológicos: levantamento bibliográfico, observação participante e entrevista semi-estruturada. O primeiro consistiu numa revisão bibliográfica acerca da tríade exploração sexual comercial, violência e gênero, destacando a relação de dominação presente nessas três categorias de análise, como também foi realizado um levantamento específico das pesquisas sobre exploração sexual comercial.

O segundo procedimento se deu no acompanhamento das incursões da equipe de abordagem do Serviço de Combate ao Abuso e a Exploração Sexual – SECABEXS nos pontos de prostituição de mulheres, travestis, homens e nas localidades com crianças e adolescentes em situação de rua na cidade do Rio de Janeiro. Esta observação permitiu um mergulho na dinâmica desses locais, a fim de conhecer a realidade vivenciada pelas pessoas que se prostituem, apreender sua linguagem, o cotidiano da prostituição de rua e

estabelecer vínculos de confiança para conseguir ter acesso aos sujeitos da pesquisa, isto é, os adolescentes do sexo masculino em situação de exploração sexual. Além disso, observou-se à dinâmica dos garotos no mercado do sexo e na modalidade de prostituição exercida enquanto permanecem em situação de rua, expostos à situação de exploração sexual comercial.

Vale ressaltar no momento, que a utilização do ‘termo pessoas que se prostituem’ tem a mesma perspectiva tratada por Fábregas-Martinez (2000), pois contempla tanto ao adulto que se considera profissional do sexo, como aquele que exerce a prostituição temporariamente e/ ou não se percebe enquanto profissional.

A equipe de abordagem de rua do SECABEXS<sup>5</sup> com intuito de identificar os locais aonde crianças e adolescentes encontravam-se na situação de exploração sexual comercial, abordava os pontos de prostituição adulta, por acreditar-se na proximidade desses grupos. A idéia era conhecer as demandas e o funcionamento do mercado do sexo e estabelecer vínculos com as pessoas que se prostituem. Assim como, desenvolver trabalho de saúde, distribuindo preservativos e de assistência social.

Nesses contatos foi explicado para os adolescentes encontrados que o objetivo da presença do pesquisador na rua era o de desenvolver um estudo de mestrado em Serviço Social e que somente acompanharia a equipe da Prefeitura do Rio de Janeiro durante o tempo desse trabalho. Além disso, foi dada a garantia de guardar sigilo de suas identidades.

O terceiro método utilizado foi a entrevista semi-estruturada com garotos através de roteiro pré-estabelecido<sup>6</sup>, com intuito de colher os dados do perfil sócio-demográfico e apreender as vivência deles nos programas sexuais.

O período de pesquisa de campo teve momentos difíceis, permeado por medo, por insegurança e por vezes pela frustração e sentimento de impotência diante da realidade vivenciada por tantos garotos. O medo e a insegurança foram constantes neste trabalho, por temer uma rejeição das pessoas que se prostituem, mulheres, travestis e homens, assim como, das crianças e adolescentes em situação de rua e exploração sexual comercial. Também em função da dinâmica vivenciada por eles, já que foram presenciados episódios explícitos de violência, como por exemplo: travestis sendo

---

<sup>5</sup> Cabe destacar que este estudo não tem como intuito avaliar e nem analisar o programa SECABEXS.

<sup>6</sup> O roteiro da entrevista encontra-se no anexo 3.

expulsas da cidade, paus e pedras sendo arremessados na direção das pessoas que se prostituem, xingamentos perpetrados contra os mesmos, meninas em situação de rua sendo agredidas pelos namorados. Desse modo, ser alvo de violência poderia ocorrer a qualquer instante, já que a equipe de abordagem noturna não tem nenhuma proteção.

Agregado a isto, a frustração e o sentimento de impotência apareciam ao ver as situações de violência e discriminação nos ambientes visitados; assistir as negociações entre adolescentes e os supostos clientes nas ruas; os garotos entrando nos carros; fazendo uso de drogas; exibindo seus corpos nas ruas. Assim como, circular com os adolescentes travestis num shopping center ou entrar numa lanchonete com um garoto em situação de rua para realizar as entrevistas da pesquisa. Estas não foram fáceis de realizar, já que foram notados os olhares das pessoas com preconceito e ainda não podendo fazer nada de imediato para mudar este quadro. Foi bastante difícil. Ainda mais saber que os adolescentes continuam em situação de exploração sexual comercial.

Em decorrência disso, muitas vezes houve a vontade de parar, de desistir e de não acreditar numa possível solução para este problema, porém o desejo de continuar e de reconhecer a importância dos Direitos Humanos e do Serviço Social como agentes e atores da transformação social falaram mais forte. Mas foi especialmente o compromisso assumido com os garotos a principal motivação para concluir a tarefa proposta, pois ao ouvi-los dizendo, como por exemplo relatou Gustavo<sup>7</sup> (16 anos) *“Falar foi uma adrenalina, um desabafo, ninguém sabe de nada, precisava falar”* e Angelina<sup>8</sup> verbalizou *“Eu desabafei pelo o menos pra alguém, era tudo isso que eu queria desabafar”*, percebeu-se que era importante continuar, já que os garotos explorados sexualmente não são vistos, ouvidos e percebidos como sujeitos de direitos, tendo seu desenvolvimento físico, mental, social e sexual violados.

Ao término da pesquisa para exposição de seus resultados organizou-se a exposição de seus conteúdos em três capítulos.

No primeiro procura-se ressaltar as categorias, exploração sexual comercial, violência e gênero a fim de subsidiar as análises realizadas. Inicialmente apresenta-se a exploração sexual comercial infanto-juvenil no Brasil, abordando a inserção desse fenômeno na agenda política nacional, através das ações desenvolvidas no país para o

---

<sup>7</sup> Os nomes utilizados neste trabalho são fictícios, a fim de garantir o sigilo da identidade dos adolescentes. Esta questão será melhor tratada no IV Capítulo deste trabalho.

<sup>8</sup> A utilização do nome fictício feminino se dá em respeito à identificação do gênero feminino presente neste adolescente, que adotou nome e artigos femininos no cotidiano.

enfrentamento deste problema, como também, mostra-se a situação de crianças e adolescentes brasileiras no mercado do sexo nos últimos anos. Ademais, destaca-se as ações realizadas pelo município do Rio de Janeiro no combate à exploração sexual comercial, apresentando as localidades e a quantidade de crianças e adolescentes no mercado do sexo, conforme pesquisas recentes acerca deste fenômeno. Posteriormente, trava-se reflexões acerca da exploração sexual comercial infanto-juvenil como um elemento circunscrito no mercado do sexo, gerando lucro para os comerciantes dessa atividade e dos produtos sexuais vendidos, abordando as diferentes modalidades: prostituição, pornografia, turismo sexual e tráfico para fins sexuais. Além disso, compreende-se este fenômeno como violência, isto é, violência estrutural e violência sexual. Assim como, entende-se esta discussão como uma questão de gênero, uma vez que gênero é construído socialmente, estando os adolescentes em formação da identidade de gênero masculino e feminino, como também, analisa-se as relações de dominação de gênero, caracterizadas pela relação entre exploração e dominação.

O segundo capítulo traz o início da pesquisa de campo, abordando a prostituição de rua no município do Rio de Janeiro, como um elemento do mercado. Além disso, mostra o percurso feito pelo pesquisador para localizar os sujeitos da pesquisa, através do acompanhamento do trabalho da equipe de abordagem do SECABEXS nos pontos de prostituição adulta e nas localidades com crianças e adolescentes em situação de rua. Desse modo, propõe-se conhecer e descrever a realidade de mulheres, travestis e homens que se prostituem, como também, das crianças e dos adolescentes em situação de rua, apontando as características de cada grupo e localidade, sendo possível identificar a complexidade do mercado do sexo na cidade do Rio de Janeiro.

O terceiro capítulo destaca a complexidade da exploração sexual de adolescentes do sexo masculino. Para começar, apresentam-se as localidades visitadas onde foram vistos garotos no mercado do sexo, quantificando-os e descrevendo-os conforme as características dos grupos, das denominações dadas por eles e pelo mercado do sexo. Em seguida, descreve-se os garotos entrevistados, assim como, faz-se uma análise sobre o perfil sócio-demográfico, destacando os aspectos: faixa etária, questão racial, escolarização, trabalho, saúde, família, amizade, namoro e diversão. Ainda, através dos relatos dos adolescentes apresenta-se as lembranças da infância e as perspectivas deles de futuro, assim como, a vivência no mercado do sexo, destacando a iniciação e o cotidiano, mostrando o funcionamento da rede de exploração sexual comercial. Ainda,



apresenta-se as sugestões deles para as possíveis formas de evitá-la, como também, registra-se que eles não estão participando dos programas de combate a exploração sexual comercial infanto-juvenil.

Nas considerações finais destaca-se a necessidade de enfrentamento deste fenômeno, criando-se mecanismos diferenciados para as diversas características desta modalidade de exploração sexual, respeitando as peculiaridades de cada grupo. Além disso, precisa-se conhecer as demandas dos garotos, incluindo o recorte do sexo masculino na agenda nacional de enfrentamento a exploração sexual comercial infanto-juvenil. Também, exige-se um comprometimento na intervenção do Estado nas necessidades básicas, assegurando às famílias condições para protegerem suas crianças ou adolescentes. Assim sendo, ressalta-se a necessidade de aprofundamento de estudos acerca desta temática, com propósito de proteger as crianças e adolescentes brasileiras.